

ARTIGO

FICHAMENTOS DE AULA COMO FONTES PARA HISTÓRIA INTELLECTUAL

O PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA (1938 / 1946)

ARYANA COSTA

Professora adjunta no Departamento de História/UERN, campus Mossoró e no ProfHistória/UERN. Doutorado em História pelo PPGHIS/UFRJ e pós-doutorado em andamento também pelo PPGHIS/UFRJ.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0208-778X>

RESUMO: Neste artigo, trabalho com fichas de aula produzidas por Eurípedes Simões de Paula, professor da cadeira de História Antiga e Medieval da USP entre 1939 e 1977, e arquivadas no CAPH. Minha hipótese é de que esses documentos têm potencial para a história intelectual de professores universitários uma vez que nos permitem refinar como entendemos as diferentes facetas de atuação acadêmica. Analiso a organização dos conteúdos e sua correlação com as referências bibliográficas utilizadas e anotadas pelo próprio professor. O referencial metodológico está dentro do campo da história da historiografia, da história da educação e do ensino de história.

PALAVRAS-CHAVE: Eurípedes Simões de Paula – ensino de história – história da historiografia

CLASS RECORDS AS SOURCES FOR INTELLECTUAL HISTORY

PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA (1938-1946)

ABSTRACT: In this article, I work with the class records produced by Eurípedes Simões de Paula, professor of Ancient and Medieval History at USP between 1939 and 1977, and archived at CAPH. My hypothesis is that these documents have potential for the intellectual history of university professors since they allow us to refine how we understand the different dimensions of academic performance. I analyze the organization of contents and their correlation with the bibliographical references used and annotated by the professor himself. The methodological framework is within the field of the history of historiography, history of education and the teaching of history.

KEYWORDS: Eurípedes Simões de Paula – teaching of history – history of historiography

Recebido em: 26/06/2023

Aprovado em: 10/10/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p259-284>



I. Introdução

A produção sobre história da historiografia no Brasil tem visto cada vez mais obras focando a produção historiográfica na universidade como objeto. Apesar de parecer uma afirmação evidente, afinal, boa parte desta produção é originária de um ou uma profissional universitária, quero apontar em especial trabalhos que levam em consideração a institucionalidade universitária como parte fundamental para o entendimento de uma produção bibliográfica. Isto ocorre seja em trabalhos que se debruçam de uma forma mais geral sobre cursos de graduação,¹ sobre associações científicas, congressos e periódicos acadêmicos,² sobre cadeiras e manuais³ ou sobre trajetórias de professores e professoras.⁴

A propósito desta última abordagem, isto significa que um historiador/a não é abordado apenas pela análise de sua obra, mas também por como sua formação, atuação e relações acadêmicas também dizem respeito à sua produção. Ou seja, são pessoas abordadas como autoras, mas também como professoras, administradoras, políticas. São trabalhos que geralmente contam com: depoimentos ou entrevistas realizadas com os personagens estudados, possibilitando a visão particular da pessoa estudada no trabalho; com depoimentos de ex-alunos e alunas; correspondência – pessoal e institucional; e cada vez mais com a cultura material produzida em função da sala de aula.

Esta cultura material para a sala de aula já é bem discutida em termos metodológicos pela história da educação no que toca os níveis básicos – primário, secundário, ginásio, etc., designações a depender do recorte temporal trabalhado. Segundo Ana Chrystina Mignot, o crescente interesse pela cultura material na história da educação se dá por um giro memorialístico que valoriza a memória individual e coletiva (2010b, p. 425).

Esse patrimônio produzido pela e para a escola pode englobar desde carteiras, lousas, uniformes, materiais de laboratório, mas também um conjunto de materiais mais efêmeros, como os cadernos escolares e, como é

¹ Conferir Costa (2022).

² Conferir Alves (2010), Silva (2019), Silva, 2014 e Santos (2021).

³ Conferir Clara (2022), Santana (2021) e Silva (2023).

⁴ Conferir Erbereli Junior (2019), Ferreira (2013), Liblik (2017), Machado (2016), Santos (2013).

o caso deste artigo, das produções de professores para suas aulas – fichamentos, anotações, relatórios.

Um primeiro problema no que tange o trabalho com cadernos, anotações para a sala de aula e outros documentos do tipo é o desprezo recorrente por esta documentação. Mignot, baseando-se em análise de Miguel Angel Arias Carrascosa e Ignacio Garnacho Gómez afirma que

(...) os cadernos escolares estão entre os ‘documentos efêmeros’, isto é, entre aqueles objetos criados para não serem conservados, o que explica que a grande maioria tenha se perdido, e suas possibilidades de estudo minimizadas, na medida em que poucos são guardados, em função do desconhecimento dos autores que ignoravam a importância histórica que esses objetos teriam, como também pelo desprezo dos próprios pesquisadores e das instituições encarregadas de conservar a história das pessoas comuns (2010b, p. 428).

Este não é o caso, porém, do conjunto documental abordado neste artigo: Eurípedes Simões de Paula, autor dos fichamentos que serão aqui analisados, produziu e arquivou seus próprios fichamentos de aula que hoje estão acondicionados no Centro de Apoio à Pesquisa Histórica Sérgio Buarque de Holanda (CAPH), na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Criado em 1966, o CAPH recebeu o acervo pessoal do professor Eurípedes através de doações feitas pela professora Maria Regina Simões de Paula (também sua esposa) em 1992 e em 2007 (MIRRA, 2009, p. 59). O conjunto tratado neste artigo está classificado na série de documentação profissional do Arquivo Eurípedes Simões de Paula (AESP), atividades como professor. E que segundo Mirra,

de todas considerada a “atividade primeira”, constam documentos que mostram sua preocupação com a educação em todos os níveis (grau médio – luta contra a implantação dos Estudos Sociais, incentivo aos cursos de reciclagem de professores; grau superior – criação da Edusp, responsável pelo contato com editoras e livrarias nacionais e estrangeiras para aquisição de livros para a Biblioteca da recém criada FF-USP, além do seu precioso material didático constituído de fichas de aulas, fichamentos de livros, apontamentos, traduções, textos de cursos da então cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval) (2009, p. 61).

O tratamento destes documentos permite um diálogo com o campo já conhecido da história da leitura e da escrita, mas também nos dá uma entrada

para a atuação de profissionais de História que passa pela escrita de si. Por essas fontes acessamos frequentemente o que aparece de si na escrita dos próprios intelectuais, frequentemente direcionada a um interlocutor/a. Ou seja, são imagens, opiniões, valores criados pela própria figura em estudo e não em terceira mão.

Com entrevistas e correspondências, essa é uma dimensão bastante evidente e utilizada pela história intelectual. As entrevistas dessas pessoas em geral são realizadas intencionalmente seja para um apanhado de suas trajetórias, seja para exposição de opiniões sobre determinado assunto. As correspondências oferecem uma entrada ainda maior na dimensão íntima e pessoal. Às vezes com linguagem informal, mencionando fatos da vida privada, oferecem uma visão diferenciada sobre uma figura a que estamos acostumados a conhecer pelo lado público ou no exercício da profissão.

No entanto, com fichamentos de aula, a dimensão da interlocução é, a priori, consigo próprio. É uma forma de organizar os conteúdos para que um pensamento possa ser compartilhado com um público. Ainda assim, pesquisas já produzidas a partir da análise de cadernos escolares permitiram um vislumbre em torno do “(...) crenças, valores, saberes e práticas, o que exige examinar o contexto, os suportes, os temas, assim como as motivações e as finalidades que norteiam tais registros” (MIGNOT, 2010b, p. 437). Embora Mignot faça essa reflexão para os cadernos – ou seja, materiais produzidos por estudantes – tomo a liberdade aqui de estendê-la também para os materiais produzidos por docentes.

A seguir, pretendo trabalhar com as fichas de aula produzidas pelo prof. Eurípedes Simões de Paula e arquivadas no fundo com seu nome no CAPH. Utilizo fichas referentes ao conteúdo de História Helenística, dos anos de 1938 e 1946, pois possibilitam uma comparação diacrônica de um mesmo conteúdo. Essas fichas nos permitirão interpretar as ações do professor sob a perspectiva de uma história intelectual que se aproxima da atividade docente como criadora e mediadora de conhecimento histórico (concentrando-se, pois, no indivíduo Simões de Paula) do que em uma exegese dos seus textos ou de sua contextualização.⁵ Minha hipótese é de que esses documentos têm

⁵ O que não significa indiferença sobre a necessidade de se contextualizar ou de interpretar textos historiográficos produzidos pelos sujeitos analisados, mas apenas uma opção metodológica a partir do que as fontes aqui analisadas podem oferecer.

potencial relevante para a história intelectual de professores universitários uma vez que nos permitem refinar como entendemos as diferentes facetas de atuação acadêmica.

II. Eurípedes Simões de Paula: trajetória e memória

Eurípedes Simões de Paula foi aluno da primeira turma do curso de Geografia e História da USP, em 1934. De uma turma de 16 estudantes, conviveu com Émile Coornaert e Fernand Braudel na cadeira de História da Civilização, Plínio Ayrosa em Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, Afonso Taunay na cadeira de História da Civilização Brasileira e com os geógrafos Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig na cátedra de Geografia Física e Humana. É egresso do curso de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco, do qual se graduou em 1935. Neste mesmo período, concluiu o Curso de Formação Pedagógica do Professor Secundário do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo.⁶

No ano de sua formatura, 1936, foi aprovado por meio de concurso interno (segundo GLÉZER, 1983, p. 665) como Assistente de 1ª categoria de Fernand Braudel na cadeira de História das Civilizações da FFCL/USP. Assumiu aos 26 anos de idade a função a partir do ano letivo de 1937, aparecendo no Anuário 1937/1938 com as suas atribuições na cadeira junto ao titular: seminários sobre História Oriental e História Romana para os alunos do 1º ano do curso e pesquisas históricas no Arquivo do Estado com as turmas do 1º e 2º ano.

Em 1939 foi promovido a professor adjunto para a cadeira de História Antiga e Medieval, que acabara de ser desmembrada. A outra metade, Moderna e Contemporânea, ficara com o professor Jean Gagé, que havia substituído Braudel a partir de 1938. Em 1942, Eurípedes defendeu sua tese de

⁶ Encontrei duas datas para a conclusão deste curso por Eurípedes: no livro publicado em sua memória, Raquel Glézer situa o curso em 1934 (Mello e Souza, Antônio et alli, 1983, p. 665). Na pesquisa de Olinda Evangelista sobre o IEUSP, ela o situa na turma de 1936 (Evangelista, 2002, p. 151) junto com outros colegas da primeira turma (Astrogildo Rodrigues de Mello, João Dias da Silveira, Rozendo Sampaio Garcia, José Orlandi, Antônio de Paula Assis, Affonso Antônio Rocco, Nelson Camargo). Acredito esta última ser mais plausível, já que o curso de formação era para ser "Cursado após a licenciatura obtida na FFCL, (e) admitia também a formação simultânea ao terceiro ano daquela Faculdade, concedendo o Diploma de Professor Secundário, assinado pelas mesmas autoridades." (Evangelista, 2002, p. 143-144). Esta informação coincide exatamente com o terceiro ano da graduação em Geografia e História (1936) do professor Eurípedes.

doutoramento – *O Comércio Varegue e o Grão Principado de Kiev* – e em julho de 1946, finalmente assume como catedrático, após defender a tese *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. Não sem antes passar pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) de 1943 a 1945 e embarcar para a Itália, a propósito da Segunda Guerra Mundial.

Eurípedes Simões de Paula foi morto em um acidente de trânsito na Rua da Consolação, em São Paulo, em 21 de novembro de 1977, ainda no exercício de seu posto dentro da universidade. Não houve oportunidade para instá-lo a falar de si em nome da instituição ou por motivos de celebração, como costumam ser as figuras sêniores na universidade. Por isso, não há falas suas que percorram sua trajetória de vida acadêmica, com um arco narrativo dotado de um sentido retrospectivo do que seriam suas atividades profissionais, até sua saída da Faculdade. Do professor Eurípedes temos uma volumosa coletânea foi publicada em sua homenagem cinco anos após a sua morte.⁷ Ao invés de várias falas *do* mesmo sujeito, possuímos várias falas *sobre* o mesmo sujeito. Nesta, foram publicados 85 textos, divididos em duas seções: artigos e depoimentos. Estes últimos compõem a maior parte da obra: são 51, restando 34 artigos, que abrem o volume e versam frequentemente sobre os temas de interesse de seus autores. O escopo da obra, em temas e em variação das origens de seus autores, é impressionante.⁸

Eurípedes Simões de Paula é um dos expoentes do curso de História da USP, mas ainda não recebeu a mesma atenção que a historiografia brasileira já atribuiu a outros historiadores. No momento de escrita deste artigo, em busca feita por palavra-chave com o nome do professor Eurípedes na base da CAPES, são apenas dois os trabalhos de pós-graduação focados particularmente na figura de Simões de Paula: Rodolpho Rabello da Rocha (2016), *Eurípedes Simões de Paula: especificidade brasileira e mestres franceses em uma zona de junção (1936-1977)* e Patrícia Helena Gomes da Silva (2019), *Um Soldado do Ofício: análise da trajetória intelectual de Eurípedes Simões de Paula nos anos 1940-1960*.

⁷ Trata-se de: Mello e Souza et alli (org.). *In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros de FEB; vida e obra*. São Paulo, 1983.

⁸ O trecho acima com a biografia do prof. Eurípedes foi retirado de Costa (2021). Para mais sobre a obra em questão, conferir a mesma referência.

Outras produções atravessam Eurípedes. Dentre outras, é o caso da tese de Lidiane Soares Rodrigues (2012), *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e "um seminário" (1958-1978)*; o trabalho de Fabrício Gomes Alves (2010), *Folheando páginas, descobrindo histórias: a Revista de História e a difusão da historiografia dos Annales no Brasil (1950-1960)*; da tese de Aryana Costa (2018), *De um Curso d'Água a Outro: memória e disciplinarização do saber histórico na formação dos primeiros professores no curso de História da USP*; da dissertação de Livia Maria Orsati Clara (2022), *Redefinindo códigos e práticas disciplinares: as disciplinas Teórico-Metodológicas da História na Universidade de São Paulo (1956-1968)*.

Não obstante, sobre Eurípedes há vários artigos produzidos a propósito do seu trabalho incontornável na institucionalização de faculdades, periódicos e congressos, a começar pela coletânea monumental mencionada acima e organizada por sua esposa à época, professora Maria Regina Simões de Paula, *In memoriam de Eurípedes Simões de Paula: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros de FEB; vida e obra*. Além da própria professora Maria Regina Simões, a comissão organizadora foi ainda composta por Antônio Cândido de Mello e Souza, Aziz Simão, Oscar Sala, Oswald Porchat de Assis Pereira da Silva e Simão Mathias. A resenha de Arlinda Rocha Nogueira, publicada na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, destaca como a obra cobre a produção e a pessoa do professor. De acordo com Arlinda, "Analisando sua pessoa sob prismas diferentes, os dados fornecidos pelos testemunhos, se alinhavados, permitirão ao leitor esboçar - senão completa, pelo menos aproximadamente - o perfil de sua personalidade" (1986, p. 144). Ou seja, perante o motivo da produção desta fonte, ela apresenta e interpreta não apenas a obra do prof. Eurípedes, mas também traços de sua personalidade emaranhados com o tipo de historiador que era.

Outro exemplo de artigo sobre Eurípedes produzido já fora do pretexto do *In Memoriam...* está em *Eurípedes Simões de Paula (1910-1977)*, de Janice Theodoro, para o dossiê de mesmo nome da Revista de História – periódico criado pelo próprio em 1950. De pronto, Theodoro deixa clara a natureza do seu texto:

Escrever sobre o professor Eurípedes, em 2008, significa um gesto de afeto para com ele e de respeito para com a instituição onde ele atuou durante muitos anos: a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A constituição da memória é um processo delicado especialmente quando diz respeito a uma pessoa com a qual convivemos e construímos laços de amizade. Para evocar o passado é necessário não apenas retomar as informações produzidas pela personagem ao longo de sua vida, como também retomar os diálogos com aqueles que, direta ou indiretamente, conviveram com ela e com as suas lembranças. Em outras palavras, a construção da memória envolve a inclusão de avaliações consonantes e dissonantes, sobre o significado pessoal, institucional e político do professor Eurípedes (2009, p. 18).

Sua análise do profissional Eurípedes Simões de Paula, portanto, é permeada pela sua convivência pessoal, o que não a deslegitima (e não é este o objetivo deste raciocínio). A questão é que, dentro dos limites (anunciados) do texto de Theodoro, a representação do trabalho intelectual de Simões de Paula funde sua atuação institucional com a de professor e com a de pesquisador, assim como dotes pessoais com profissionais. Patrícia Silva já se dedicou a desdobrar algumas dessas facetas, pois percebeu que algumas das análises sobre o professor

significam em grande medida encobrir aspectos colocados em sua trajetória, principalmente em menosprezar elementos intrínsecos de sua formação social, política e ideológica, ao mesmo tempo em que não matizam muitas das práticas, dos projetos, das possibilidades e das diferentes disposições mobilizadas pelo historiador ao longo de seu percurso (Silva, 2020, p. 4).⁹

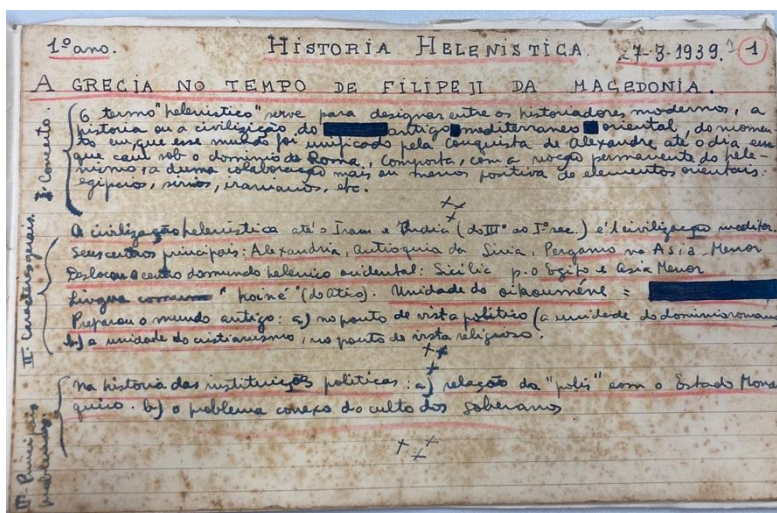
Para além desses artigos e somadas às suas conferências em que deixa aparecer o que entende como o sentido de uma universidade e da formação em História (Paula, 2009), aposto aqui no que se pode apreender do professor a partir deste material igualmente resultado de trabalho intelectual, mas cujo fim não é a publicação e sim, a docência.

⁹ Esse argumento será desenvolvido mais adiante.

III. Fichas de aula – uma janela para a organização e seleção de conteúdos

As fichas com datas conhecidas compreendem o período de 1938 a 1967. Possuem formato retangular em folhas brancas, sem pauta, tamanho 20,5 x 13cm e são manuscritas. Há também fichas sem datas. Cada documento corresponde a uma aula.

Imagem 1 – ficha de aula de História Helenística, de 27 de março de 1939.

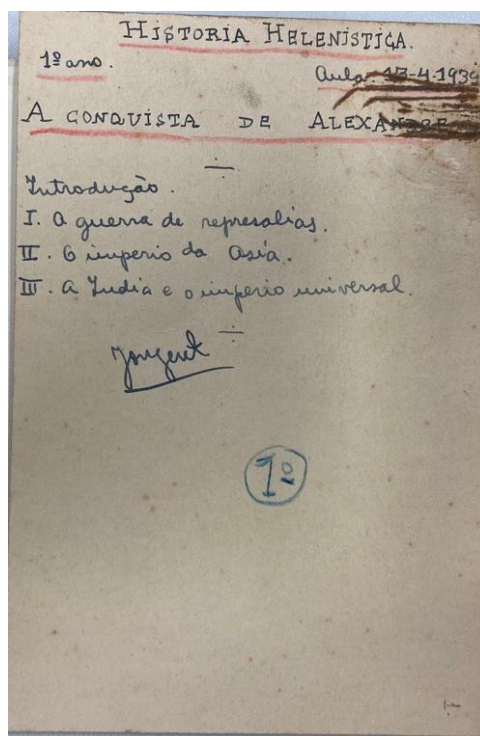


Fonte: CAPH/AESP/Documentação Profissional/Caixa 12.

Estão organizadas pelos temas das aulas, cada folha está numerada e ocasionalmente apresentam data, que por vezes também se encontra riscada, indicando um possível manuseio para outras aulas além da primeira.

Cada conjunto de ficha possui uma folha sem pauta contendo índice dos assuntos presentes no conjunto.

Imagem 2 – índice de aula de História Helenística, de 17 de abril de 1939.



Fonte: CAPH/AESP/Documentação Profissional/Caixa 12.

Os temas presentes e suas respectivas datas são os abaixo:

Quadro 1 – Temas e datas dos conjuntos de fichas de aulas do Eurípedes Simões de Paula arquivados no CAPH.

Assunto	Ano
Guerra dos Cem Anos	1949, 1951, 1962 e s/d.
História da África	s.d.
História Bizantina	1941, 1946, 1947 e s.d.
Extremo-Oriente	1960 e s.d.
História Grega	1942 e s.d.
História Helenística	1939, 1946 e s.d.
Islão	s.d.
História da Civilização Medieval	1938, 1939, 1942, 1947, 1948 e s.d.
História Medieval (Alta Idade Média)	s.d.
História Medieval (Baixa Idade Média)	1950
História Oriental	1938
História da Palestina	s.d.
História Romana (Itália Primitiva)	1941
História Romana (Alto Império)	s.d.
História Romana (Baixo Império)	1949
História Romana (República)	1941, 1946, 1950, s.d.
História Ibérica	1938, 1940-1942, 1946, 1949, 1950, s.d.
História da Rússia	s.d.

Fonte: CAPH/AESP/Documentação profissional/Caixas 11 e 12

Pela quantidade de material produzido e que sobreviveu, pode-se depreender que: 1. no mínimo, Simões de Paula foi um professor organizado e 2. valorizava a atividade docente ao ponto de preservar o material que produzia para tal fim. Coerentemente com sua atuação como professor da cadeira de História das Civilizações e História Antiga e Medieval no curso de História, a maior quantidade de temas está dentro deste recorte temporal. O recorte geográfico acompanha a definição clássica de antiga e medieval cobrindo assuntos de Ásia, África e Europa. Daqui por diante, tomemos o conjunto relativo à História Helenística como exemplo.

Como se vê pela tabela, este material (assim como o de História Ibérica) nos dá a vantagem de acompanhar Eurípedes de forma continuada, ao longo dos anos. São materiais que datam do início de sua trajetória docente, pois sua promoção a professor adjunto foi apenas em 1939, mas que permitem uma perspectiva comparada com sua atuação em até quase dez anos depois - para o caso da história helenística, cuja última datação registrada é de 1946 (e certamente para o caso de história ibérica - cuja última datação assegurada é de 1950).

Alguns dos registros feitos pelo professor dotam esses documentos de um caráter fortemente efêmero. No entanto, indicam permanências na sua prática ao longo do tempo. Começo pelo registro das circunstâncias específicas para que cada ficha seria utilizada. Na primeira folha de cada conjunto geralmente estão anotadas as datas das aulas ministradas e o ano do curso a que se direcionava.

Imagina-se que no momento de sua produção, o professor Eurípedes julgasse estar organizando material para um momento que não se repetiria. A efemeridade da intenção original desses documentos é acentuada pela presença ocasional de informações contingentes, como “Exames orais”, “História helenística e o novo horário”, “Ponto de exame. Ler resumo sucinto do prof. Gagé”, “Última aula de história helenística”.

No entanto, como documento efêmero, que adquire flexibilidade no seu uso, gostaria de destacar um aparente paradoxo, baseado na manutenção destas fichas – no sentido de sua sobrevivência e como veremos, no sentido da repetição de seus conteúdos em fichas posteriores. Desde já, suponho que uma resposta para este paradoxo seria um alto grau de satisfação do professor Eurípedes com sua organização de conteúdos.

Sobre esta organização de conteúdos, as anotações nos permitem realizar uma comparação direta entre as fichas do professor e as referências bibliográficas que utilizava. Tomemos como exemplo as aulas de 13 e 20 de abril e 04 maio de 1939, que pertencem ao conjunto de História Helenística. Os índices anotados por Eurípedes para essas aulas são os seguintes:

- 13/04: A conquista de Alexandre
Introdução.
I. A guerra de represálias
II. O império da Ásia
III. A Índia e o império universal
20/04: Organização do Império
I. A organização do império
II. As satrapias e os novos domínios do helenismo
História helenística e o novo horário
Jouguet
04/05: O desmembramento do Império
I. A partilha das satrapias
II. Antígono
III. O fim dos diadocos
Jouguet
(CAPH, AESP, Caixa 11)

O nome Jouguet que aparece nas fichas trata de Pierre Jouguet (1869-1949), formado pela *École Normale Supérieure* e com passagens pelo Instituto do Cairo (1896-1897), *Faculté des lettres de Lille*; *École pratique des Hautes Etudes (IVe section)* (1912-1927), professor de papirologia na *Sorbonne* (1920-1933), *Institut français d'Archéologie orientale du Caire* (1928-1940), e professor na *Université Fouad Ier du Caire* (1937-1949).¹⁰ A referência utilizada na aula de 1939 é *L'Impérialisme Macédonien et l'Hellénisation de l'Orient*, publicado pela primeira vez em 1926 e que consiste no volume XV da coleção *L'Évolution de l'Humanité*, organizada por Henri Berr.

A ordem e a nomeação dos conteúdos são idênticas ao que consta no livro utilizado e correspondem cada um a um capítulo:

- Table des matières
(...)
PREMIÈRE PARTIE
La conquête d'Alexandre
Chapitre premier. – La guerre de représailles
(...)

¹⁰ Informações retiradas de <https://aibl.fr/grands-personnages/jouguet-pierre/>. Acesso em 20 jun. 2023.

Chapitre II.- L'empire de l'Asie
(...)
Chapitre III.- L'Inde et l'Empire universel
(...)
Chapitre IV.- L'Organisation de l'Empire
(...)
Les satrapies et les nouveaux domaines de l'helénisme
(...)
DEUXIEME PARTIE
Le demembrement de l'Empire
Chapitre premier.- Le partage des satrapies. Perdicas
(...)
Chapitre II. – Antigone
(...)
Chapitre III.- La fin des diadoques
(...)
(Jouguet, 1961, p. 529-530)

No que toca o conteúdo histórico, texto, segue abaixo dois trechos para comparação. Os excertos em francês são retirados diretamente do livro *L'Impérialisme...* e os trechos em português, das fichas do professor Eurípedes:

Introduction.

Le coup de poignard qui, à la fin de l'année 366, frappait à mort Philippe de Macédoine, risquait d'ébranler la puissance du royaume et d'anéantir les projets de cette guerre en Asie, que l'on avait fait accepter, l'année précédente, comme une guerre nationale par les Grecs confédérés. Mais celui qui devait être Alexandre le Grand, à peine âgé de vingt ans, sut se saisir d'un héritage qui aurait pu échapper à des mains plus débilés. Sous Souleir de punir les meurtriers et leurs complices, il supprima les personnages suspects et fit reconnaître ses droits en Thessalie, à Delphes, à Corinthe où les représentants des États, membres de la ligue, le nommèrent président de l'Alliance et généralissime des Hellènes. (...) (Jouguet, 1961, p. 1)

A Conquista de Alexandre. Introdução.

O golpe de punhal que no fim do ano 336 feriu mortalmente Felipe da Macedônia quase destruiu a potência do reino e aniquilou os projetos de guerra na Ásia que Felipe tinha feito os gregos aceitarem. Alexandre, 20 anos, soube recolher a herança. Pretexto punir assassino e cúmplices, suprimiu os suspeitos e fez reconhecer seus direitos em Thessalia. (Paula, 1939, AESP/CAPH, Caixa 12, n. 784).

L'Inde et l'Empire Universel

I. La conquête du Pendjab.

L'Inde était alors une région presque mystérieuse. Le grand Darius avait bien fait explorer la vallée de l'Indus par Scylax de Caryanda, et il pu annexer une partie du pays; mais, depuis longtemps, la frontière de l'Empire perse s'arrêtait aux Paraponisades, et la vallée du Gange, séparée de celle de l'Indus par un vaste desert, avait toujours été à peu près inconnue. Il y avait pourtant des éléphants de l'Inde et des Indiens dans les armées perses; mais ces soldats venaient probablement des montagnes limitrophes de l'Empire. Chez les Grecs, Hécatée dt

Hérodote ont sans doute connu et utilise un relation de Scylax. Ctésias, médecin à la cour d'Artaxecès II, y avait recueilli quelques notions sur le pays et sur les peuples, mais mêlées de fables mesongères. L'Inde restait le pays des merveilles. (...) (Jouguet, 1961, p. 50)

A Índia e o Império universal

A conquista do Pendjab. Índia era 1 região misteriosa. Dario tinha feito Scylax explorar o vale do Indus. Havia elefantes e hindus no exército persa. Índia, país das maravilhas. (Paula, 1939, CAPH/AESP, Caixa 12, n. 784)

São três os movimentos didáticos do professor. O primeiro é evidentemente o de tradução, com Simões de Paula servindo como intermediador no Brasil de uma obra concebida nos círculos da *Synthèse Historique* de Berr.

Abro parênteses aqui para um exercício especulativo que é o de uma possível ponte entre Braudel e a utilização deste livro por Eurípedes em sala de aula. Henri Berr é admirado por Braudel, que destaca em um testemunho pessoal o significado da *Revue de Synthèse* criada em 1900 como isso foi terreno fértil para revista dos *Annales* fundada em 1929. Não há elementos para comprovar que foi por meio de Braudel que o livro foi apropriado por Eurípedes, mas é razoável considerar essa hipótese.¹¹

Os outros dois estão no nível da seleção de conteúdos em termos de ordem e tipo. Tendo em mente que a ficha nos impõe limites a respeito do que efetivamente se passou em sala de aula, uma vez que ela é apenas o registro de uma preparação, a cópia dos mesmos títulos e da mesma ordem dos conteúdos do prof. Jouguet me leva a duas conclusões: uma primeira, que mostra um Eurípedes ainda com pouca autonomia no que toca o domínio de conteúdos. O que se explica por ser um professor que acaba de se tornar adjunto na cadeira de História Antiga e Medieval naquele mesmo ano de 1939 – e que se formara há apenas dois. O traço do professor que se vê nas fichas é

¹¹ Braudel conhecia Henri Berr desde 1930. É nos seguintes termos que Braudel se refere ao trabalho (de produção e sociabilidade intelectual) de Berr: "If Henri Berr wrote little, and when he did write perhaps let his pen move too facily, the fact is that his main contribution was to summon, speak, instruct, discuss, listen, bring together, and lose himself in dialogues and innumerable small councils. After 5 P.M. every day, or nearly, he opened his doors to visitors, preferably at his office at 2 rue Villebois-Mareuil. He was above all good company, a man of intelligence, prepared and skillful in talk. (...) It was only after 1920 that Henri Berr carried through the task so much talked of, planned for, projected, and in the end only partially completed. In that year he started his monumental collection, *Evolution of Humanity* (Albion Michel); he founded in 1925 the *Centre de synthèse*, and a little afterwards, his very famous *Semaines de synthèse*" (Braudel, 1972, p. 459).

a filtragem que faz do livro de Jouguet. Por vezes mantém os dados factuais – “(...) suprimiu os suspeitos e fez reconhecer seus direitos em Thessalia”, “Havia elefantes e hindus no exército persa” - por vezes mantém o estilo - “O golpe de punhal que no fim do ano 336 feriu mortalmente Felipe da Macedônia”, “Índia, país das maravilhas”. Há um alto grau de dependência em relação aos chamados conteúdos substantivos do conhecimento, isto é, datas, nomes, locais, causas e feitos, fazendo com que, a supor que Eurípedes utilizasse suas fichas como norteadoras de suas aulas, o professor se torna um intermediador entre o livro e os estudantes.

Um outro caminho, que não exclui o primeiro, é compreender que para além da dependência, há também concordância em que este deve ser o tipo de organização de conteúdo a ser trabalhado em uma sala de aula do curso de História. E isto só podemos estipular comparando a permanência desse traço na atuação ao longo de sua trajetória. Para nossa sorte, Eurípedes Simões de Paula era um professor organizado.

Uma ficha de 1946 retoma parte idêntica do conteúdo de uma datada de 1940. Trata-se das aulas intituladas, as duas, “A Macedônia e o advento de Felipe II”, e o que acontece é que se em 1940, a ficha está classificada como História Grega, em 1946 ela se encontra sob o conjunto História Helenística. Segue abaixo a reprodução do índice.

1940 (a data encontra-se rasurada na ficha, mas ainda é possível distingui-la)

Assunto: A Macedônia até o advento de Felipe II.

- I. O país e a população
- II. O período histórico até 356 (PAULA, 1940, AESP/CAPH, Caixa 11, n. 759)

20/03/1946

Assunto: A Macedônia e o advento de Felipe II

- A região e a população
- O período histórico até 356

(Glötz v. III)

Felipe II e as primeiras conquistas da Macedônia

- A) Macedônia no advento de Felipe
- B) Atenas e Esparta
- C) Conquista do litoral grego (357-355)
- D) Embaraço da Grécia: guerra dos aliados” e o início da “terceira guerra sagrada” (357-355)
- E) A política das cidades gregas durante a conquista da Tessália. Demóstenes
- F) A tomada de Olinto e conquista da Trácia
- G) Felipe, árbitro da Grécia

- H) Tensão entre Atenas e Felipe
 - I) Conquista da Grécia
 - J) Últimos projetos de Felipe
- 1a aula, Glotz v. III
Pierre Roussel - La Grèce et l'Orient (Paula, 1946, AESP/CAPH, Caixa 12, n. 784).

Mais uma vez, as referências mencionadas são praticamente transpostas para as fichas, como deixa ver a comparação entre as fichas e os sumários de Gustave Glotz, *Histoire Greque, III* (1936) e de Pierre Roussel, *La Grèce et l'Orient* (1928). Seguem as versões francesas nos exemplares originais abaixo. Inclusive, é interessante notar um razoável curto espaço de tempo entre a publicação de *Histoire Greque*, de Glotz, em 1936 e sua incorporação por Eurípedes em 1940, uma vez que suscita nossa atenção para as formas de acompanhamento, circulação e aquisição de obras pela comunidade universitária do período.

Chapitre VIII – La Macédoine jusqu'à l'avènement de Philippe II

- I. Le pays et la population
- II. La période historique jusqu'ém 356 (Glotz, 1986).

Chapitre V. – Philippe II et les premières conquêtes macédoniennes (360-336)

- I. La Macédoine à l'avènement de Philippe II (360); II. Athènes et Sparte à la veille du conflit; III. La conquête du littoral égéen (357-355); IV. Les embarras de la Grèce: la 'guerre des Alliés' et les débuts de la troisième 'guerre' sacrée (357-355) (...) (Roussel, 1938, p. 572).

Com praticamente uma década de experiência docente, tese defendida em 1942, e admissão como catedrático de História Antiga e Medieval neste ano de 1946, não se trata mais apenas de dependência do conteúdo dos livros, mas na crença de que este é um recurso desejável e bem-sucedido para o ensino de História na Faculdade.¹²

¹² As práticas do professor Eurípedes também poderiam ganhar em interpretação se comparadas com as de outros professores. Além da dificuldade já mencionada sobre a preservação desse tipo de fonte, proponho a sustentação da análise apresentada ainda com mais uma reflexão. Embora reconheça a importância do estabelecimento de comparação, ela não garante que as afirmações realizadas sobre o prof. Eurípedes não se mantenham. Isso porque como demonstram os estudos sobre identidade docente (a exemplo de Maurice Tardif e seu trabalho sobre saberes docentes e formação profissional), a atuação de ensino dos professores está intrinsecamente relacionada à sua trajetória pessoal. Portanto, ainda que fosse possível estabelecer comparações com outros fichamentos de outros professores (o que inclusive minha pesquisa não pôde encontrar até o momento dada a dificuldade da fonte), isso não me garantiria que os resultados fossem diferentes uma vez que a aula é um espaço também de criação *do indivíduo* junto a seus alunos *no instante* da aula. De modo que, embora

Ao que chego no que isto nos diz sobre a concepção de História do professor Eurípedes.

IV. Teoria e prática

Por ter tido uma morte inesperada e pela amplitude de sua atividade na Universidade de São Paulo, a memória de Eurípedes Simões de Paula foi construída por vários colegas e de várias formas, seja em forma de texto ou até mesmo em pedra e cal, como é o caso do prédio da História e Geografia da FFLCH/USP dotado de seu nome.¹³ Como já afirmado acima, essas memórias tendem a amalgamar a obra do professor, conferindo-lhe uma espécie de unidade. Retomemos o artigo de Janice Theodoro:

Eurípedes sempre guardou *uma unidade entre a teoria e a prática pedagógica*. E, nesse sentido, a hipótese que ele levanta na sua tese é consoante com a grade curricular que ele pretendia implantar no Departamento de História, valorizando, por exemplo, a presença do curso de História Ibérica. Outro exemplo da unidade entre teoria e prática é a sua preocupação, partilhada também pelos seus colegas franceses, em incorporar a discussão sobre a descolonização nos programas do Departamento de História, criando as condições necessárias para o debate, entre os intelectuais, sobre o tema da dependência. Essas duas opções pela História Ibérica e pela descolonização estão na raiz do seu pensamento, cujos desdobramentos que carregam a busca constante das nossas especificidades merecem uma análise profunda que não é objeto desse artigo (2009, p. 38. Grifo meu).

A citada teoria que embasa a ação de Eurípedes possivelmente é aquela que o conecta à memória da passagem de famosos Annalistas pela USP. Em outro trecho do mesmo artigo, Theodoro conjectura:

Com relação ao professor Eurípedes, eu me arrisco a dizer que, *embora o seu modelo acadêmico fosse o professor Lucien Febvre*, o seu projeto era significativamente tributário da sua história pessoal e da sua formação familiar. Eurípedes viveu numa fazenda no interior de São Paulo, no seio de uma família de formação católica e estudou no

pudesse compartilhar um hábito com seus colegas de época (o que é perfeitamente possível), isso não invalida as conclusões tiradas para o indivíduo professor Eurípedes. Para outros trabalhos que tangenciam a história ensinada no curso de História da USP do período, conferir Anhezini (2015), Costa (2018) e Roiz (2012) ainda que trabalhem com fontes de outra natureza como os programas e currículos de curso.

¹³ Para uma análise mais exaustiva da construção de perfis sobre o professor Eurípedes, conferir os trabalhos de Patrícia Silva já citados aqui: a dissertação (2019) ou o texto em que apresenta apenas a discussão referente a esse recorte (2020).

Colégio São Bento. Neste sentido, ele era um intelectual de formação humanista que considerava serem os vínculos da América com a Península Ibérica responsáveis por algumas particularidades que marcaram a história da civilização americana e brasileira, aliás, nome de um projeto editorial que ele patrocinou (2009, p. 37).

Uma vez mais, o objetivo do artigo de Theodoro é o de rememorar e celebrar Eurípedes (e o ponto onde pretendo chegar aqui é muito mais sobre como a utilização de fontes pode nos ajudar a sofisticar algumas análises do que comprovar o equívoco de um artigo, que inclusive não se propõe a ser uma pesquisa). Patrícia Silva, por sua vez, em trabalho com outro objetivo como é uma dissertação, se preocupou em compreender Eurípedes em dimensões distintas: sua trajetória até a direção da FFLCH, e como liderança na construção da Revista de História e da Associação Nacional de História. Aqui eu gostaria de retomar ainda uma quarta dimensão, a de professor que precisaria ser reconhecida em sua especificidade.

Provocada pela afirmação de que haveria uma continuidade entre teoria e prática pedagógica na atuação de Eurípedes, minha proposta aqui é de apontar que não dá para supor continuidade entre um perfil e outro – entre pesquisador e professor, ao que podemos confirmar a partir de suas fichas. Prática pedagógica não é apenas o que se anuncia, mas também o que se pratica e Eurípedes Simões de Paula, em ocasiões variadas, atribui importância ao ensino de História na graduação pela dimensão do conteúdo histórico substantivo.

Em 1949, o próprio Eurípedes aponta uma continuidade entre os ensinamentos franceses do início do curso até aquele momento:

Ora, todos esses professores pertencem ao célebre círculo da revista fundada em 1929, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, dirigida magistralmente por Lucien Febvre e pelo malgrado medievalista Marc Bloch, herói da Resistência francesa, fuzilado pelos nazistas de forma dramática em 1944. Assim, tivemos, desde 1934 até hoje, durante 14 anos, um ensino de História orientado mais para os estudos econômicos e sociais do que para outros setores, formando, pois, uma bela unidade, responsável sem dúvida pela homogeneidade que se nota entre os jovens professores de História formados pela nossa faculdade" (Paula, 2009, p. 80).

Aqui estou tratando o discurso do professor como um texto auto-referencial (Gomes, 2004, p. 10) e que precisa ser analisado a partir do efeito

de verdade que um sujeito quer produzir sobre si. Não se trata de invalidar ou não seu depoimento, mas de focar em como sua subjetividade é expressa no seu discurso (*idem*, p. 14). Simões de Paula atribui uma homogeneidade de abordagem em todo o curso de História da USP por catorze anos. O exercício com suas fichas de aula no auxilia a sofisticar essa narrativa.

Por exemplo, onde está efetivamente a autoria do professor na produção de seus conteúdos didáticos? No que toca os conteúdos históricos e pelo visto nas fichas, ela ocorre na apropriação e reorganização de referências bibliográficas já produzidas e nesta intermediação junto aos estudantes. Para reforçar a natureza da corrente teórico-metodológica a que esta atuação pedagógica estaria ligada, seria necessário aprofundar os estudos em torno das referências utilizadas pelo professor e seu enquadramento na produção historiográfica francesa da época, próxima etapa da pesquisa a que este projeto está submetido.

Para além das suas fichas que demonstram uma organização pautada por sequências de acontecimentos,¹⁴ algumas de suas outras intervenções em ocasiões públicas ratificam esta hipótese. Na sua relatoria sobre a cadeira de História Antiga e Medieval registrada nos Anais do I Simpósio Universitário de História, a preocupação está em como organizar os conteúdos de forma a que sejam melhor aprendidos pelos alunos:

O atual ensino de História deve ser dinamizado e somos partidários convictos do desenvolvimento ao máximo dos seminários, sem acabar, é claro, com as costumeiras preleções. Reputamos essencial para a reforma preconizada do ensino da História a ênfase que se der aos trabalhos práticos, muito mais mesmo que o acréscimo de novas matérias auxiliares ao atual currículo. Portanto, mais seminários e menos preleções. (sic) (Paula, 1962, p. 84-85).

Os seminários tratavam de aprofundamentos em determinados temas. A ver:

Além dessas modalidades, que podem ser classificadas como de trabalhos práticos, sugerimos um tipo de seminário assistido pelo nosso assistente Dr. Pedro Moacir Campos em Heidelberg: um curso de Seminário inteiramente dedicado a Carlos Magno, com toda a bibliografia existente nessa Universidade. Cada aluno encarregou-se de um aspecto do problema proposto. Assim, todos os ângulos do longo reinado de Carlos Magno foram examinados: conseqüências do restabelecimento do Império no Ocidente, as suas capitulares versando assuntos políticos, econômicos, sociais e religiosos. No fim do curso

¹⁴ Não confundir “sequência de acontecimentos” com história tradicional/positivista.

elaborou-se uma monografia geral sobre o período carolíngio e sua importância na História Medieval. Esse é o verdadeiro seminário, que nos esforçamos por introduzir na nossa Cadeira: um labor de equipe, de formação e de familiarização dos alunos com a bibliografia especializada e as novas técnicas do trabalho histórico (sic) (Paula, 1962, p. 86).

O trabalho em equipe em um seminário ajudaria os estudantes a examinar *todos os ângulos do longo do reinado de Carlos Magno*. O seminário seria ainda uma oportunidade para imersão em bibliografia especializada e em aproximação com documentos históricos.¹⁵ Na discussão coletiva do tema, sua proposição para o currículo de graduação é de uma aproximação maior entre História Medieval com História Moderna, discussão que inclusive ocupou a maior parte das intervenções registradas na relatoria publicada nos Anais. A justificativa é baseada nos desenvolvimentos em pesquisa que avolumaram os conteúdos de cada uma das áreas.

No que toca o tema do sujeito “professor de história”, a preocupação registrada por Eurípedes na relatoria é com as condições de trabalho no magistério, mais do que em como deve ser o tratamento de conteúdo histórico:

Somos francamente favoráveis ao tempo integral, à dedicação plena dos professores às suas especialidades. Não podemos mesmo compreender - somente as necessidades econômicas poderiam justificar que professores possam ministrar aulas de sua especialidade em diversas Faculdades, com uma sobrecarga enorme de trabalho (sic) (Paula, 1962, p. 88).

Em resumo, através do professor Eurípedes – não só através do que ele anuncia mas da combinação entre posicionamentos e organização de conteúdos - conseguimos vislumbrar uma concepção de ensino: a de uma centralidade atribuída aos conteúdos históricos substantivos e como sua reorganização poderia ser chave para sua melhor apreensão por parte dos estudantes.

¹⁵ Nas respostas às intervenções, Eurípedes afirma: “Sem querer exagerar de um lado ou de outro, o relator afirma que, é durante o seminário que ele tem visto o aluno interessar-se pelo documento e apreender toda a sua importância. Um pouco mais de seminário, então, formaria melhor.” (PAULA, 1962, p. 93)

V. Considerações finais

Por que Eurípedes Simões de Paula guardou tantas fichas de aula? Retomando Mignot sobre os documentos de vida escolar “Muitos dos que sobreviveram ao tempo e à destruição expressam que a guarda do papel escrito se deu em função de uma trajetória escolar bem-sucedida, como assinala Silvina Gvirtz” (2010a, p. 85). O êxito institucional do professor Eurípedes Simões de Paula no que toca a criação e consolidação de espaços para a formação de profissionais na universidade é inegável e só isso já poderia subsidiar a sobrevivência desses documentos.

São duas as reflexões com as quais gostaria de encerrar a discussão. A primeira evidentemente se trata de uma esperada contribuição para o uso de fontes no campo da história da historiografia, trajetórias profissionais e história intelectual. De que dimensão de um ou uma intelectual estamos falando quando os definimos de determinada forma ou o correlacionamos a uma corrente específica? A atuação docente pode ser – e na maior parte das vezes é – distinta daquela que se anuncia ou que se pratica na pesquisa.

Ao tomar fichamentos de aula para interpretar o perfil profissional de Simões de Paula, o trabalho se aproxima do movimento que a história da educação já realiza em alguns de seus recortes referentes a trajetórias de professores e cultura escolar. Por simbolizarem uma prática de selecionar e organizar conteúdo – característica da atuação docente –, os fichamentos permitem uma aproximação das abordagens em história intelectual que se voltam não necessariamente a uma compreensão de contexto, mas às de criação e mediação de conhecimento.¹⁶ Isto possibilita uma visão sobre produção de História que engloba diferentes âmbitos de atuação na carreira em uma universidade brasileira e que apenas a análise de uma produção bibliográfica não permitiria compreender. Nos permite também reforçar o movimento que vem rompendo cada vez mais o silenciamento em torno da história da história ensinada como objeto do campo da história da historiografia – ou seja, a consideração de fatores no âmbito dos espaços de formação profissional no que concerne o processo de produção de conhecimento histórico no Brasil.

¹⁶ Aqui toma-se por base a contribuição de Jean-François Sirinelli (2003) para o debate sobre definição de intelectuais e possibilidades de percursos investigativos.

Por fim, acompanhar esta trajetória docente numa de suas dimensões mais “íntimas”, no sentido da produção muitas vezes individual e de uso pessoal, nos ajuda a historicizar modificações nas expectativas do que seja um curso de graduação em história e dos saberes aí envolvidos.

Nos fichamentos de aula de Eurípedes Simões de Paula há uma clara centralidade no compartilhamento de conteúdos históricos, que inclusive seguem à risca a organização publicada em livros por outros autores. Este é um cenário bastante diferente das atuais orientações para currículos de graduação que focam em perfis, competências e habilidades, atribuindo tanto ou mais importância para conteúdos procedimentais e comportamentais para a formação de profissionais de História.

Isso pode nos fazer refletir sobre nossa própria atuação e organização de políticas de formação. Não pela exemplaridade do Eurípedes mas pelo reconhecimento de que há atuações que são diferenciadas, nos auxiliando inclusive com cenários possíveis para sairmos da discussão permanente mas até agora infrutífera da indissociabilidade entre licenciaturas e bacharelados. A aposta que faço - e para a qual penso que o exercício que acabo de fazer contribui - é a de que a comunidade historiadora não consegue sair do impasse porque não atenta para as práticas que permanecem em sala de aula. Isto apesar dos discursos que anunciam e que criam expectativas sobre uma desejada integração entre conteúdos processuais e procedimentos de ensino e pesquisa.

Fontes consultadas

Acervo Eurípedes Simões de Paula. CAPH / FFLCH / USP. Documentação profissional/Atividades do titular/Como professor. Caixas 11 e 12.

GLOTZ, G. **Histoire Grecque III: La Grèce au IV^e siècle: la lutte pour l'hégémonie (404-336)**. Presses Universitaires de France, 1986.

JOUGUET, P. **L'Impérialisme Macédonien et l'Hellénisation de l'Orient**. (L'Évolution de l'Humanité, v. 15) Editions Albin Michel, 1961.

ROUSSEL, P. **La Grèce et l'Orient: des guerres médiques à la conquête Romaine**. (Peuples et Civilisations, v. II). Librairie Félix Alcan, 1938.

PAULA, E. S. de. A história e o seu ensino na faculdade. In.: **Revista de História**, n. 160, p. 75-84, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19102>. Acesso em: 22 jun. 2023.

PAULA, E. S. de. Relatório da Cadeira de História Antiga e Medieval. In.: **Anais do I Simpósio de Professores Universitários de História**. Marília, SP. 1962. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/2-snh01>. Acesso em 22 jun. 2023.

VI. Referências bibliográficas

ALVES, F. **Folheando páginas, descobrindo histórias**: a Revista de História e a difusão da historiografia dos Annales no Brasil (1950-1960). Dissertação de Mestrado, PPGH/CCHLA/UFPB, Brasil, 2010.

ANHEZINI, K. Afonso Taunay, a propósito do curso de História da Civilização Brasileira. In.: NICOLAZZI, F. (org.) **História e historiadores no Brasil**: do fim do império ao alvorecer da República: 1870-1940. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 395-417.

BRAUDEL, F. Personal testimony. In.: **The Journal of Modern History**, Dec., 1972, Vol. 44, No. 4 (Dec., 1972), pp. 448-467.

CLARA, L. M. O. **O discurso dos métodos na profissionalização da História no Brasil** (1950-1960). 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2022.

COSTA, A. Clio no espelho: um estado da arte sobre a história dos cursos superiores de História no Brasil. In.: **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 14, n. 37, p. 251-281, 2022. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1736>. Acesso em: 10 out. 2023.

COSTA, A. De um curso d'água a outro: memória e disciplinarização do saber histórico na formação dos primeiros professores no curso de História da USP. 2018. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2018.

ERBERELI JUNIOR, O. **A trajetória intelectual de Alice Piffer Canabrava**: um ofício como sacerdócio (1935-1997). 2019. Tese (Doutorado em História Econômica). Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2019.

EVANGELISTA, O. **A Formação Universitária do Professor**. O Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (1934-1938). Florianópolis: NUP/CED/UFSC/Editora Cidade Futura, 2002.

FERREIRA, M. M. **A História como Ofício**: a constituição de um campo disciplinar. RJ: FGV, 2013.

GLÉZER, R. Eurípedes Simões de Paula: uma biografia. In: MELLO e SOUZA, A. *et al.* (org.). **In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula**: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros de FEB; vida e obra. São Paulo, 1983. p. 661-706.

GOMES, Â. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In.: GOMES, Â. (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-26.

LIBLIK, C. **Uma História Toda Sua**: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990). Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História/UFPR, Brasil. 2017.

MACHADO, D. **Por uma “Ciência Histórica”**: o percurso intelectual de Cecília Westphalen, 1950-1998. 2016. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História/UNESP, Assis, Brasil, 2016.

MELLO e SOUZA, A. *et al.* (org.). **In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula**: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros de FEB; vida e obra. São Paulo, 1983.

MIGNOT, A. C. V. Documentos efêmeros: histórias de aprendizagem e exercício da escrita de si. In: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a, v. 2, p. 83-100.

MIGNOT, A. C. V. Janelas indiscretas: os cadernos escolares na historiografia da educação. In: VIDAL, D.; SCHWARTZ, C. (Org.). **História das culturas escolares no Brasil**. 1ed. Vitória: EDUSF, 2010b, v. 1, p. 423-446.

MIRRA, E. C. O prof. dr. Eurípedes Simões de Paula, o Centro de Apoio à Pesquisa em História - CAPH e a memória da FFCL-FFLCH/USP: trajetória e possibilidades. In.: **Revista de História**, n. 160, p. 51-69, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19100>. Acesso em: 19 jun. 2023.

NOGUEIRA, A. R. In memoriam de Eurípedes Simões de Paula: artigos, depoimentos de colegas, alunos, funcionários e ex-companheiros de FEB: vida e obra. In.: **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (26), 1986, 143-144.

RODRIGUES, L. **A Produção Social do Marxismo Universitário em São Paulo**: Mestres, Discípulos e um Seminário. (1958-1978). Tese de Doutorado, PPGHIS/USP, Brasil, 2012.

ROIZ, D. **Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino**. Curitiba/PR: Appris, 2012.

SANTANA, C. **Os Territórios da Teoria**: as Disciplinas de Introdução e Teoria da História nas Graduações do Rio De Janeiro. (2021). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil, 2021.

SANTOS, A. **A Universidade, a História e o Historiador**: o itinerário intelectual de Francisco Iglésias. 2013. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História/UFMG, Belo Horizonte, Brasil, 2013.

SANTOS, W. G. dos. **A invenção da historiografia brasileira profissional**. Vitória-ES: Milfontes, 2021.

SILVA, B. **Associações de historiadores no Brasil: a SBPH entre lugares, normas e grupos (1961-2005)**. 2019. 293 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Brasil, 2019.

SILVA, M. **Saberes da disciplina, saberes da profissionalização: uma leitura sobre a institucionalização da História por meio de Introdução ao Estudo da História na Faculdade de Filosofia de Natal (1963-1968)**. (2023) Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil, 2023.

SILVA, P. A Construção do Perfil Biográfico de Eurípedes Simões de Paula na Historiografia Brasileira: entre a fabricação de uma identidade historiadora e a elaboração dos lugares da memória. In.: **Anais do XXV Encontro Estadual de História da ANPUH/SP**, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1600630646_ARQUIVO_dbd565fe1f0e6a1c64a209709f243eb9.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, P. **Um soldado do ofício: análise da trajetória intelectual de Eurípedes Simões de Paula nos anos 1940-1960**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil, 2019.

SILVA, P. T. S. G. da. **A Associação Nacional dos Professores Universitários de História: Espaço de identificação profissional e legitimação do saber histórico (1961-1977)**. Tese de doutorado. Brasília: UnB, Brasil, 2014.

SIRINELLI, J-F. Os Intelectuais. In: REMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 231-269.

THEODORO, J. Eurípedes Simões de Paula (1910 -1977). **Revista de História**, n. 160, p. 17-50, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19099/21162>. Acesso em: 19 jun. 2023.